



Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Línguas

Secção de Português

**PORTEFÓLIO REFLEXIVO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ES-
COLA SECUNDÁRIA NOROESTE-1**

Allen Abner Monjane

Maputo, Fevereiro de 2025

Allen Abner Monjane

**PORTEFÓLIO REFLEXIVO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA SECUN-
DÁRIA NOROESTE-1**

Portfólio apresentado à Faculdade de Letras e Ciências Sociais, como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Ensino de Português.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Ernesto Maurício

Maputo, Fevereiro de 2025

DECLARAÇÃO

Declaro que o presente trabalho de fim do curso é resultado da minha investigação pessoal, que todas as fontes estão devidamente referenciadas e que nunca foi apresentado para a obtenção de qualquer grau nesta universidade ou em qualquer instituição.

(Allen Abner Monjane)

Allen Abner Monjane

PORTEFÓLIO REFLEXIVO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA SECUNDÁRIA NOROESTE-1

Portefólio avaliado como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Ensino de Português pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Maputo, _____ de _____ de 20 _____

Prof. Dr. Nelson Ernesto Maurício

Rúbrica

Título e nome do 1º vogal

Rúbrica

Título e nome do 2º vogal

Rúbrica

DEDICATÓRIA

Dedico este portfólio a minha família, pelo apoio incondicional em todas as etapas desta jornada, e a todos os professores que me inspiraram com seu conhecimento e dedicação. Que este portfólio seja a demonstração de todos aqueles que acreditam na Educação como ferramenta de transformação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família pelo suporte desde o início até ao último dia da minha formação.

Sou grato aos meus professores da Universidade Eduardo Mondlane que me acompanharam durante todo o percurso da formação, com destaque ao meu supervisor Prof. Doutor Nelson Maurício Ernesto. Agradeço à direcção da Escola Secundaria Noroeste-1, que me acolheu durante o estágio pedagógico e a todos os alunos com quem tive o privilégio de trabalhar, tendo enriquecido a minha experiência.

RESUMO

O presente portefólio reflexivo tem como foco as práticas pedagógicas realizadas na Escola Secundária Noroeste-1, enquadradas no âmbito da disciplina de Estágio II, do curso de Licenciatura em Ensino de Português na Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Neste trabalho descrevemos a escola, os princípios momentos vividos, o decurso do estágio, abrangendo a totalidade das funções docentes da escola e reflectimos sobre todos estes aspectos. Da reflexão feita, constatámos que a realização do estágio pedagógico é fundamental na formação dos professores, especialmente em Moçambique, onde o ensino enfrenta vários desafios tais como: falta de materiais didáticos, falta de tecnologias educacionais, pouco envolvimento dos encarregados de educação, falta de electricidade em algumas salas. A elaboração do presente portefólio permitiu-nos compreender a necessidade de um maior investimento na formação contínua dos professores, na melhoria das condições de ensino -aprendizagem, bem como na criação de estratégias para superar os desafios enfrentados na Escola Secundária Noroeste-1. Além disso, evidenciamos a importância da participação activa da comunidade escolar na busca por soluções eficazes para garantir uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas; Portefólio Reflexivo; Estágio Supervisionado.

ÍNDICE

DECLARAÇÃO	i
DEDICATÓRIA	iii
AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO	v
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	viii
SECÇÃO I: INTRODUÇÃO	1
SECÇÃO II: REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	2
1. A ESCOLA.....	2
1.1. Breve historial	2
1.2. Infraestrutura escolar e suas implicações no PEA	3
1.3. Organização da escola.....	4
1.4. Efectivo estudantil.....	4
1.5. Caracterização dos alunos da 12 ^a C. 2.1	5
1.6. Apreciação Crítica.....	5
2. PROCESSOS DE PLANIFICAÇÃO	7
2.1. Planificação no Estágio Supervisionado	7
2.2. Apreciação Crítica.....	9
3. MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM De LÍNGUA PORTUGUESA.....	10
3.1. Dificuldades Diagnosticadas nos Alunos.....	10
3.2. Abordagens de Ensino Adotadas	11
3.3. Estratégias Didácticas Utilizadas	11
3.4. Apreciação Crítica.....	12
4. PROCESSOS DE AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS	14
4.1. Funções e Modalidades da Avaliação	14
4.2. Actividades Realizadas e Resultados Obtidos	16

4.3. Apreciação Crítica.....	17
APRENDIZAGENS CONTRUÍDAS NO CAMPO DE ESTÁGIO	18
5.1. Experiências pessoais das aprendizagens construídas	19
SECÇÃO III: CONCLUSÃO	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22
APÊNDICES	23
Apêndice A – Apresentação da Infraestrutura escolar da ESN-1.....	23
Apêndice B – Plano de aula.....	24
Apêndice C – Ficha de Observação de aula.	27
Apêndice D – Matriz da avaliação.....	29
Apêndice E – Enunciado do teste	35
Apêndice F – Guião de resposta.	40
Apêndice G – Exemplar de prova corrigida	41
ANEXOS.....	42
Anexo a – Apresentação da Credencial.	42
Anexo b – Relatório do Estágio Supervisionado.....	43

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACS – Avaliação Contínua Sistemática

AT – Avaliação Trimestral

BIB – Biblioteca

CA – Centro de Aconselhamento

CD – Curso Diurno

CN – Curso Nocturno

DA – Direcção Administrativa;

DAE – Director Adjunto da Escola

ESG – Ensino Secundário Geral

ESN1 – Escola Secundária Noroeste-1

PAT – Pátio Escolar

PD – Pavilhão de Desporto

PEA – Processo de Ensino-Aprendizagem

PESD – Programa de Ensino Secundário à Distância

SEC – Secretaria

SINF – Sala de Informática

SNE – Sistema Nacional de Educação

SECÇÃO I: INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa responder a uma das exigências curriculares de culminação do curso de Licenciatura em Ensino de Português na Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Este estudo constitui requisito de avaliação na disciplina curricular de Estágio II.

A reflexão acerca das práticas pedagógicas tem como suporte teórico autores, tais como Paulo Freire (1987), Jean Piaget (1976), Alarcão (2001), entre outros. Em Freire (1987), por exemplo, compreendemos que a educação é um processo transformador. Da leitura feita ao estudo de Alarcão (2001), percebemos a necessidade de a escola ser espaço que continuamente é projectada para melhorar a qualidade da aprendizagem.

Pretende-se, em geral, reflectir sobre as práticas pedagógicas na Escola Secundária Noroeste – 1. Em específico, procuraremos apresentar de forma crítica as diversas actividades que contribuíram para a consolidação de habilidades e competências na planificação de aulas, na mediação da aprendizagem e na avaliação do desempenho dos alunos e examinar as experiências vivenciadas, as aprendizagens construídas e os meios de aperfeiçoamento da formação docente utilizados.

Organizámos este trabalho de modo a garantir uma apresentação clara das aprendizagens e reflexões construídas ao longo do estágio pedagógico supervisionado. Inicialmente, o trabalho apresenta uma Introdução. A seguir é constituída por reflexões, designadamente: Reflexão sobre a Escola, sobre planificação de aulas, sobre mediação da aprendizagem da Língua Portuguesa, sobre processo de avaliação, sobre aprendizagens construídas no campo de estágio supervisionado.

Cada aspecto é analisado à luz de experiências práticas fundamentadas em contribuições teóricas, destacando as estratégias utilizadas para superar os desafios e alcançar os objectivos pedagógicos. Por fim, a conclusão sintetiza as reflexões e aprendizagens mais significativas do estágio. Complementando, o portefólio inclui as Referências Bibliográficas, bem como Apêndices e Anexos.

SECÇÃO II: REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

1. A ESCOLA

A escola pode ser compreendida sob diferentes perspectivas, dependendo da abordagem teórica adoptada. As perspectivas de Émile Durkheim (1922), Jean Piaget (1976) e Paulo Freire (1987) demonstram-nos que a escola não se restringe ao ensino de conteúdos formais. Ela tem um papel essencial na formação dos indivíduos, seja promovendo a construção do conhecimento ou incentivando a transformação social. Essas abordagens, quando combinadas, possibilitam uma educação mais completa, capaz de formar cidadãos preparados para os desafios da sociedade contemporânea.

Na presente secção, reflectimos acerca da escola onde decorreu o estágio supervisionado. Apresentamos o seu breve historial e analisamos o papel da escola numa perspectiva crítica, a infraestrutura escolar e suas implicações no processo de ensino -aprendizagem, sua organização e o efectivo escolar.

1.1. Breve historial

A Escola Secundária Noroeste – 1, espaço que acolheu o nosso estágio (vide anexos **a.** e **b.**), foi fundada em 1971 e iniciou suas actividades no ano lectivo de 1971/1972. Na altura, o ano lectivo começava em Julho e terminava em Agosto do ano seguinte. Inicialmente, não possuía edifícios próprios (funcionando nas instalações da Escola Avenida do Brasil) e denominava-se Escola Preparatória do Noroeste - 1, estando anexa ao Liceu António Inês, actual Escola Secundária Francisco Manhanga.

Actualmente, a Escola está localizada no Bairro de Maxaquene “A”, Avenida Acordos de Lusaka, próxima ao Ministério da Agricultura e Segurança Alimentar. Com a implementação do novo currículo (SNE, 2018), esta instituição de ensino passou a leccionar o I e II ciclos do Ensino Secundário Geral (ESG), abrangendo da 7^a a 12^a Classes. O funcionamento ocorre em dois turnos: diurno (manhã e tarde) e nocturno. Além disso, a instituição oferece ensino à distância (PESD), ampliando o acesso à educação.

1.1.1. Papel da ESN - 1 numa perspectiva crítica

A trajectória desta escola reflecte a resiliência do sistema educacional diante dos desafios estruturais, demonstrando como uma organização pode adaptar-se às necessidades sociais e educacionais ao longo do tempo. A fundação desta instituição de ensino marcou um avanço

na demonstração do ensino formal na região, proporcionando acesso à educação a milhares de estudantes ao longo de décadas.

No entanto, ao analisarmos essa história sob uma perspectiva crítica, questionamos não apenas a oferta educacional, mas também a qualidade da aprendizagem proporcionada. Segundo Paulo Freire (1987), a escola deve ser um espaço de transformação social, promovendo uma educação libertadora que incentive o pensamento crítico. No entanto, um dos grandes desafios enfrentados pela Escola Secundária Noroeste - 1 é a capacidade de garantir um ensino que vá além da mera transmissão de conteúdos, estimulando a reflexão e a autonomia dos estudantes.

1.2. Infraestrutura escolar e suas implicações no PEA

A infraestrutura da escola (vide apêndice A.) é constituída por dois pavilhões de três pisos, um pátio, dois pavilhões de desporto e muro de vedação. Os edifícios contemplam 39 salas de aula, uma sala de informática, biblioteca, secretaria e gabinetes administrativos. Apesar de a escola possuir uma estrutura relativamente grande, há vários problemas que afectam directamente o PEA, a saber:

- Salas de aula: As salas possuem carteiras duplas ou simples; mas nalgumas salas, a degradação das janelas, grades e do tecto interfere e permite a infiltração da chuva.
- Biblioteca: possui acervo robusto, mas o espaço é insuficiente para acomodar os alunos que desejam utilizá-lo;
- Pavilhões de desporto: As condições são precárias: um não tem cobertura e noutro está danificada, limitando as aulas de Educação Física.

Segundo Vygotsky (1978), o ambiente de aprendizagem deve ser planificado para favorecer a interacção entre alunos e professores, pois o aprendizado se dá, em grande parte, por meio das relações sociais e da mediação pedagógica. Quando a infraestrutura escolar apresenta problemas, há um impacto directo na qualidade dessas interacções, tornando o ensino menos dinâmico e dificultando a assimilação dos conteúdos.

Partindo da assunção acima, relacionando-a com a realidade observada no estágio supervisionado, defendemos que a infraestrutura inadequada pode desmotivar os alunos, baixar a sua autoestima e, por conseguinte, causar o desinteresse pela aprendizagem. Portanto, há necessidade urgente de se desencadear reformas estruturais que possibilitem um ambiente acolhedor e propício ao ensino.

1.3. Organização da escola

A escola segue uma estrutura hierárquica composta pelo Conselho da Escola, a Direcção da escola e o corpo docente. A Direcção da Escola é constituída pelo Director, seguido pelos Directores Adjuntos do I e II ciclos e do curso nocturno, do Director Administrativo e da Chefe de Secretaria.

Como se pode notar, a escola rege-se pela gestão centralizada. Na nossa visão, é preciso que haja descentralização, de modo a que as decisões sejam tomadas em conjunto pela direcção, coordenadores e até pelos próprios professores. Este modelo menos centralizado pode permitir maior autonomia dos educadores na implementação de novos modelos de ensino e ajustes pedagógicos rápidos, adaptando-se à evolução da educação.

Concordando com Fullan (1991), a escola deve oferecer autonomia aos professores e coordenadores pedagógicos para que possam adaptar as metodologias de ensino conforme as necessidades dos alunos, principalmente na 12ª Classe, onde os estudantes devem estar preparados para desafios mais específicos.

1.4. Efectivo estudantil

A escola conta com um universo de 5206 alunos, sendo 4171 do curso diurno e 1035 do curso nocturno. Dos 4171, 1838 integram o I ciclo do Ensino Secundário Geral, divididos em 37 turmas, 197 encontram-se integrados no programa de ensino à distância e 1165 fazem parte do II ciclo do Ensino Secundário Geral, distribuídos em 28 turmas, enquanto 969 estão integrados no programa do ensino à distância, II ciclo.

Tabela 1: Mapa de efectivos de alunos da Escola Secundária Noroeste – I

		CLASSE	HOMENS	MULHERES	TOTAL	TURMAS
I CICLO	Presencial	7ª Classe	221	186	407	8
		8ª Classe	200	204	404	8
		9ª Classe	251	332	583	12
		10ª Classe	192	252	444	9
	Não Presencial (PESD I)	Modelo Ciclo Nº 1	45	46	91	
		Modelo Ciclo Nº 1	49	57	106	

II CICLO	Presencial	11ª Classe	243	387	630	15
		12ª Classe	210	325	535	13
	Não Presencial (PESD II)	Modelo Ciclo Nº 1	148	190	338	
		Modelo Ciclo Nº 1	222	409	631	
	Presencial C.N	11ª Classe	246	254	500	13
		12ª Classe	256	279	535	13

1.5. Caracterização dos alunos da 12ª C. 2.1

A turma em questão é composta por 17 alunos, dos quais 7 são do sexo feminino e 10 do sexo masculino. A turma distingue-se das demais por ser organizada, com estudantes motivados e participativos. Além disso, todos são bilingues, falando, no mínimo, o Português e uma língua Bantu (Changana ou Rhonga), o que representa um elemento enriquecedor no processo educativo.

1.6. Apreciação Crítica

A Escola Secundária Noroeste – 1 desempenha um papel fundamental na formação dos alunos e na promoção do acesso à educação secundária. No entanto, a sua infraestrutura precária representa um grande desafio para a qualidade do ensino. Problemas como salas de aula com janelas danificadas, infiltração da chuva, pavilhões de desporto sem cobertura e uma biblioteca com um acervo modesto e o tecto precário comprometem o ambiente de aprendizagem. Como defende Vygotsky (1978), o meio escolar deve facilitar a interação entre alunos e professores, permitindo uma mediação pedagógica eficaz. Nessa perspectiva, é imprescindível a realização de reformas estruturais que garantam melhores condições para o processo de ensino-aprendizagem.

Por outro lado, a organização do efectivo escolar apresenta tanto desafios quanto vantagens. O número de alunos por turma encontra-se dentro de um limite razoável, o que permite maior atenção individualizada e um acompanhamento mais eficaz do desempenho dos estudantes. Diferente de algumas escolas onde a superlotação é um problema crítico, na ESN-1, a distribuição dos alunos nas turmas possibilita uma dinâmica pedagógica mais controlada, facilitando a implementação de metodologias participativas e interativas.

Outro aspeto relevante é a predominância de alunos bilíngues, que falam tanto o português como línguas bantu, como o Changana e o Rhonga. Embora essa diversidade linguística seja um factor enriquecedor para o processo educativo, representa também um desafio metodológico. Muitos alunos têm o português como segunda língua e podem apresentar dificuldades na compreensão de conteúdos mais abstratos, o que exige dos professores estratégias didáticas diferenciadas. Para enfrentar essa questão, seria recomendável adoptar metodologias que valorizem a interacção entre as línguas, como a abordagem interlinguística, que permite o uso da língua materna como suporte para a aprendizagem do português.

Em suma, apesar dos desafios estruturais e linguísticos, a ESN-1 apresenta um cenário que favorece o ensino de qualidade, desde que sejam implementadas medidas para melhorar a infraestrutura e adaptar as práticas pedagógicas à realidade do seu corpo discente.

2. PROCESSOS DE PLANIFICAÇÃO

A planificação é uma actividade indispensável para o processo de ensino-aprendizagem (PEA). Haydt (2011) define o acto de planear como "analisar uma dada realidade, reflectindo sobre as condições existentes e prever as formas alternativas de acção para superar as dificuldades ou alcançar os objectivos desejados. Portanto, a planificação é um processo mental que envolve análise, reflexão e previsão" (p. 69).

Para Piletti (2004), planificar é uma prática inerente ao ser humano, realizada com a finalidade de estudar e assumir uma atitude crítica e curiosa diante de um problema. Nesse processo, o professor deve responder a questões fundamentais, tais como: "O que pretendo alcançar? Em quanto tempo? Como posso alcançar o que pretendo? Quais são os recursos necessários? Como analisar a situação para verificar se os objectivos foram atingidos?" (p. 61).

Com base nessas definições, compreendemos que a planificação é um acto racional que pressupõe a organização das sessões lectivas e a tomada de decisões apropriadas sobre as metodologias a serem adoptadas, visando o alcance dos objectivos estabelecidos. A planificação não pode ser improvisada, ainda que seja passível de ajustes diários para melhor atender às necessidades dos alunos.

2.1. Planificação no Estágio Supervisionado

Os teóricos Libâneo (2006) e Piletti (2004) são unânimes ao afirmar que planificar não é uma prática simples. Exige esforço contínuo de reflexão e análise, além do uso de diversos recursos – humanos, sociais, didácticos e culturais. Piletti (2004) enfatiza que a falta de tempo, recursos ou clareza sobre os objectivos pode dificultar o processo de planificação, tornando-o um desafio para o professor.

Durante o estágio, após a atribuição da turma de referência, iniciámos um processo de conhecimento do perfil dos alunos para melhor adaptar a planificação. Todas as aulas foram previamente planificadas, seguindo as directrizes do plano curricular da 12ª classe, os planos quinzenais elaborados pelo grupo da disciplina de Língua Portuguesa da Escola Secundária No-roeste - 1 e os planos analíticos.

Os principais elementos definidos em cada sessão de planificação (vide apêndice B.) incluíram:

- a) Tema da aula – parte relativamente fácil, pois os temas a serem trabalhados já estavam indicados nos planos quinzenais;
- b) Objectivos de aprendizagem – uma das etapas mais complexas, pois exige clareza sobre o que se pretende alcançar e como avaliar se foi atingido;
- c) Metodologia de ensino-aprendizagem – etapa que envolve a escolha de estratégias de mediação adequadas, equilibrando métodos centrados no professor e métodos que priorizam o aluno como sujeito activo da aprendizagem;
- d) Tempo de aula – um factor administrado pela escola, cabendo ao professor apenas a gestão do tempo dentro do período disponível.

A prática de planificação mostrou-se fundamental para a organização das aulas e a garantia de um ensino estruturado. Aprendemos a ser mais organizados e a adaptar as aulas às necessidades dos alunos. Esse processo ajudou-nos a reflectir sobre a prática pedagógica e a perceber que a planificação não se resume a um roteiro, mas sim a um guia estratégico que interliga objectivos, métodos e avaliação.

Nos primeiros dias do estágio, enfrentámos desafios na organização do tempo das aulas, na escolha de actividades eficazes e na definição de objectivos claros que atendessem às necessidades de todos os alunos. Para superar essas dificuldades, seguimos a orientação de Libâneo (2006), que destaca a importância de estruturar com clareza os objectivos, metodologias e recursos necessários.

Piletti (2004) sugere que a reflexão sobre as questões-chave do processo de ensino é essencial para elaborar um plano eficiente. Com o tempo, aprendemos a dividir melhor os conteúdos, adaptar as actividades e ser mais flexíveis, tornando a planificação um instrumento de melhoria contínua do ensino.

Durante as sessões de consulta com o professor supervisor, fomos alertados para a necessidade de definir com precisão os objectivos de aprendizagem, seleccionar métodos adequados e consultar fontes auxiliares para aprimorar o conhecimento do conteúdo. Essas orientações estão alinhadas com as perspectivas de Libâneo (2006), Piletti (2004) e Haydt (2011), que enfatizam que uma preparação sólida evita improvisos e contribui para a eficácia do PEA.

A planificação tornou-se, assim, uma ferramenta indispensável, permitindo um ensino mais estruturado e reflexivo. A experiência do estágio reforçou a importância de uma planificação cuidadosa e de um ensino adaptável às realidades dos alunos.

2.2. Apreciação Crítica

A experiência de planificação durante o estágio evidenciou tanto os benefícios quanto os desafios desse processo. Entre os aspectos positivos, destacamos o facto de que a planificação permitiu um ensino mais organizado, promovendo a definição clara dos objectivos e a selecção criteriosa de estratégias metodológicas. Além disso, contribuiu para o desenvolvimento de uma prática pedagógica mais reflexiva, ajudando-nos a entender melhor as necessidades dos alunos e a adaptar as aulas conforme suas dificuldades e ritmos de aprendizagem.

Por outro lado, enfrentámos desafios que reflectem problemas estruturais da educação. A carga horária elevada e a burocratização do processo de planificação dificultam a reflexão mais aprofundada sobre cada aula, tornando a planificação, muitas vezes, um exercício mecânico e apressado. Além disso, a falta de materiais didácticos adequados e a limitação de recursos tecnológicos restringem a implementação de metodologias inovadoras.

Outro ponto crítico é a dificuldade de conciliar a planificação com a realidade das turmas heterogêneas. Muitos alunos apresentam diferentes níveis de conhecimento, dificuldades na compreensão dos conteúdos e, em alguns casos, barreiras linguísticas. Isso exige uma planificação mais flexível e diferenciada, o que nem sempre é possível diante das limitações estruturais e do tempo disponível para o professor.

Assim, embora a planificação seja um pilar fundamental do ensino, sua eficácia depende de um contexto que favoreça sua aplicação. A superação desses desafios passa por um investimento na formação continuada dos professores, na ampliação dos recursos disponíveis e na adopção de políticas educacionais que garantam melhores condições para a planificação e a execução das aulas.

3. MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

A mediação da aprendizagem no ensino da Língua Portuguesa é um processo fundamental para o desenvolvimento das competências linguísticas dos alunos, especialmente na 12^a classe, onde se espera que eles alcancem um nível mais elevado de domínio da língua em diferentes modalidades de uso, como leitura, escrita, oralidade e análise textual. De acordo com Vygotsky (1978), a aprendizagem ocorre de forma mais eficaz quando há interação entre os indivíduos e quando o professor actua como mediador, guiando os alunos na construção do conhecimento.

A mediação do ensino da Língua Portuguesa não se limita à transmissão de conteúdos gramaticais, mas envolve a criação de um ambiente dinâmico e interativo, que favoreça a participação activa dos estudantes. Durante o estágio pedagógico, identificámos dificuldades específicas nos alunos e buscámos abordagens e estratégias que promovessem a aprendizagem significativa, respeitando as especificidades do ensino da língua e os desafios enfrentados pelos estudantes.

3.1. Dificuldades Diagnosticadas nos Alunos

Durante a prática pedagógica, observámos algumas dificuldades recorrentes que comprometiam o desempenho dos alunos na disciplina de Língua Portuguesa. Essas dificuldades estavam relacionadas, principalmente, às seguintes áreas:

- a) Pouca fluência na leitura – Os alunos apresentavam dificuldades na leitura em voz alta, não respeitavam a pontuação e tinham pouca expressividade, comprometendo a compreensão do texto.
- b) Fraco domínio da escrita – A maioria dos alunos tinha dificuldades na estruturação de textos argumentativos, apresentando problemas na organização das ideias, no uso adequado da gramática e na coesão textual.
- c) Baixa participação em debates – Muitos alunos demonstravam insegurança ao expor suas ideias, utilizando argumentos pouco estruturados e, em alguns casos, partindo para ataques pessoais em vez de discutir as ideias propriamente ditas.

Diante dessas dificuldades, fundamentamos nossa prática pedagógica na teoria socioconstrutivista e em abordagens que valorizam a interação e a construção colectiva do conhecimento.

3.2. Abordagens de Ensino Adotadas

Para enfrentar os desafios identificados, adoptamos abordagens pedagógicas que privilegiam a participação activa dos alunos e a contextualização dos conteúdos. Com base nos estudos de Vygotsky (1978), Libâneo (2006) e Alarcão (2001), estruturamos o ensino a partir de três princípios fundamentais:

- 1) Aprendizagem Interativa – Os alunos foram incentivados a construir o conhecimento por meio da interação com colegas e com o professor, utilizando debates, actividades colaborativas e resolução de problemas em grupo.
- 2) Ensino Reflexivo e Contextualizado – As actividades foram planejadas de modo a conectar os conteúdos estudados à realidade dos alunos, promovendo um aprendizado mais significativo.
- 3) Desenvolvimento da Autonomia e Pensamento Crítico – Incentivamos os alunos a reflectirem sobre o próprio aprendizado, tornando-os mais independentes na busca pelo conhecimento.

Essas abordagens foram operacionalizadas por meio de estratégias didácticas específicas, aplicadas de acordo com os objectivos de cada aula.

3.3. Estratégias Didácticas Utilizadas

Para garantir que os alunos desenvolvessem as competências necessárias, utilizámos diferentes estratégias didácticas, alinhadas às diretrizes curriculares para a 12ª classe, nomeadamente: a leitura em voz alta e interpretação dirigida, a reescrita de textos e correção colectiva, a técnica para melhorar a argumentação e a produção de textos com base em modelos.

A leitura em voz alta foi utilizada para trabalhar a fluência, a entonação e a expressividade dos alunos. Associada à interpretação dirigida, essa técnica permitiu que os estudantes compreendessem melhor os textos e desenvolvessem a capacidade de identificar elementos estruturais, como tema, propósito comunicativo e argumentos centrais.

Os alunos foram divididos em pequenos grupos e cada um recebeu um texto diferente (artigo de opinião, crónica ou editorial). Após a leitura em voz alta, discutimos em conjunto as principais ideias do texto, estimulando a argumentação e a reflexão crítica.

A reescrita de textos é uma prática essencial para o ensino da escrita, pois permite aos alunos revisarem suas produções, identificarem erros e aprimorarem a clareza e a coesão textual. De

acordo com Koch e Elias (2010), a reescrita contribui para o desenvolvimento da autonomia na produção textual, tornando os alunos mais críticos e reflexivos sobre sua própria escrita.

Os alunos produziram textos argumentativos sobre temas actuais, como "O impacto das redes sociais na comunicação". Em seguida, os textos foram trocados entre os colegas para uma revisão colectiva. A correção foi realizada em grupo, seguindo critérios previamente estabelecidos, e cada aluno recebeu *feedback* detalhado sobre seu texto.

O desenvolvimento da argumentação é essencial para a construção do pensamento crítico e para a comunicação eficaz. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) destacam que uma argumentação bem estruturada deve ser lógica, persuasiva e adaptada ao interlocutor.

Organizámos debates estruturados em sala de aula, nos quais os alunos tinham que defender ou refutar um determinado ponto de vista. Antes dos debates, trabalhámos com mapas argumentativos, ajudando-os a organizar suas ideias e a utilizar evidências para sustentar seus argumentos.

A produção textual com base em modelos bem estruturados ajuda os alunos a compreenderem a estrutura dos diferentes géneros textuais e a aprimorarem suas habilidades de escrita. Analisámos textos exemplares de artigos de opinião e editoriais, identificando suas características estruturais e linguísticas. Em seguida, os alunos produziram seus próprios textos, utilizando os modelos como referência.

3.4. Apreciação Crítica

A experiência de mediação da aprendizagem revelou a importância de um ensino dinâmico, interativo e adaptado às necessidades dos alunos. Observámos avanços significativos na leitura, na escrita e na argumentação dos estudantes, evidenciando a eficácia das abordagens e estratégias adoptadas.

Entretanto, enfrentámos desafios como a falta de materiais didácticos e a resistência inicial dos alunos a algumas metodologias. Para contornar a questão dos materiais, produzimos fichas de apoio com exercícios direccionados, que foram distribuídas aos estudantes. Além disso, incentivámos o uso de tecnologias, como o celular, para pesquisa e consulta de conteúdos relevantes.

Essas dificuldades reforçaram a necessidade de adaptação e flexibilidade no ensino, confirmando a visão de Haydt (2011) de que a escola deve ser um espaço de constante reflexão e

inovação. Compreendemos que o papel do professor vai além da simples transmissão de conteúdos; ele deve criar um ambiente de aprendizado que estimule a autonomia, o pensamento crítico e a interação significativa entre os alunos.

4. PROCESSOS DE AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS

A avaliação é uma parte essencial do processo de ensino-aprendizagem, pois permite monitorar o progresso dos alunos e ajustar as estratégias pedagógicas conforme suas necessidades. Segundo Haydt (2011), a avaliação não deve ser vista apenas como um instrumento classificatório, mas como uma ferramenta orientadora do docente. A autora destaca que:

"O professor tem duas funções básicas: a função incentivadora e a função orientadora. Ora, a autoridade que ele exerce na sala de aula decorre dessas duas funções inerentes à sua atividade docente. Trata-se, portanto, de uma autoridade incentivadora e orientadora: é a autoridade de quem incentiva o aluno a continuar estudando e fazendo progressos na aprendizagem, e a autoridade de quem orienta o esforço do aluno no sentido de alcançar os objetivos por ambos desejados, visando a construção do conhecimento" (Haydt, 2011, p. 47).

Piletti (2004) complementa essa visão, argumentando que a avaliação é um processo contínuo que busca interpretar e medir os conhecimentos, habilidades e atitudes adquiridos pelos alunos, a fim de verificar mudanças esperadas em seu comportamento ao longo da aprendizagem. Assim, mais do que um mecanismo de mensuração, a avaliação deve servir como uma oportunidade de aprimoramento tanto para o aluno quanto para o professor.

Durante o estágio supervisionado, tivemos a oportunidade de aplicar diferentes modalidades de avaliação na disciplina de Língua Portuguesa, o que nos permitiu reflectir sobre os desafios e possibilidades desse processo.

4.1. Funções e Modalidades da Avaliação

As funções da avaliação podem ser agrupadas em duas categorias principais: Seleção, certificação e prestação de contas – relacionada à verificação do desempenho dos alunos e à atribuição de classificações; Democratização, promoção e clarificação da aprendizagem – centrada no acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem e na adaptação das estratégias pedagógicas.

Diante dessas funções, destacam-se três modalidades de avaliação frequentemente utilizadas no ensino: diagnóstica, formativa e sumativa (Haydt, 2011; Piletti, 2004).

4.1.1. Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica ocorre no início do processo de ensino-aprendizagem e tem como objectivo verificar os conhecimentos prévios dos alunos. De acordo com Libâneo (2013), essa avaliação não deve ser classificatória, mas sim um instrumento para orientar a prática do professor, ajudando a identificar lacunas no aprendizado.

No estágio, utilizamos a avaliação diagnóstica por meio de sondagens e exercícios iniciais para verificar a familiaridade dos alunos com conteúdos essenciais da Língua Portuguesa. Identificámos dificuldades como:

- Problemas de leitura – falta de respeito aos sinais de pontuação e entonação;
- Dificuldades na interpretação textual – pouca capacidade de identificar ideias principais;
- Deficiências na produção textual – dificuldades na estruturação de resumos e redações argumentativas;
- Limitações na oralidade – dificuldade em defender argumentos e formular discursos coesos.

4.1.2. Avaliação Formativa

A avaliação formativa tem carácter contínuo e busca oferecer *feedback* aos alunos, promovendo ajustes no processo de ensino-aprendizagem. Teresa Estrela et al. (2015) propõem um modelo de avaliação formativa baseado em cinco aspectos:

- a) Identificação do que os alunos sabem ou não sabem;
- b) Definição do que é uma boa execução;
- c) Explicitação de estratégias para melhorar o desempenho;
- d) Análise dos factores que dificultam a aprendizagem;
- e) Implementação de acções corretivas para superar as dificuldades.

Durante o estágio, aplicámos estratégias como leitura em voz alta e interpretação dirigida, reescrita de textos e correção colectiva. Além disso, incentivámos os alunos a produzir resumos de textos literários, dividindo-os em partes e identificando ideias principais. O acompanhamento contínuo dessas actividades permitiu que observássemos progressos significativos na expressão escrita e oral dos estudantes.

4.1.3. Avaliação Sumativa

A avaliação sumativa tem como função atribuir classificações e certificar o aprendizado. Ela é mais comum em provas e exames finais. Contudo, criticamos a estrutura das provas da 12^a

classe, que se baseiam predominantemente em questões de múltipla escolha (vide apêndice E.). Embora sejam de fácil correção, essas questões não estimulam o desenvolvimento da argumentação dos alunos e podem mascarar dificuldades na escrita.

Diante dessa limitação, sugerimos uma revisão desse modelo avaliativo, combinando questões de múltipla escolha com questões abertas, permitindo que os alunos expressem seu raciocínio e desenvolvam a escrita argumentativa.

4.2. Atividades Realizadas e Resultados Obtidos

No terceiro trimestre, aplicamos a 1ª ACS, avaliando conteúdos como: Leitura e interpretação de textos jornalísticos – artigo de opinião; Gramática e funcionamento da língua (vide apêndice D.).

A elaboração do teste apresentou desafios, pois era necessário garantir que as perguntas fossem claras e adequadas ao nível dos alunos. Buscamos equilibrar a dificuldade das questões para que o teste fosse justo, sem ser excessivamente fácil ou difícil.

Os resultados, no entanto, foram insatisfatórios. Dos 15 alunos avaliados, apenas um obteve uma nota positiva (10,0 valores). Esse desempenho pode ser atribuído a diversos fatores, como:

- Falta de motivação para a aprendizagem – os alunos estavam mais preocupados em "passar" do que em aprender;
- Pouco envolvimento nas atividades extraclasse – muitos não realizavam as tarefas propostas e não liam os materiais distribuídos;
- Falta de consciência sobre seu papel no processo de aprendizagem – muitos ainda viam o professor como a única fonte de conhecimento, sem se perceberem como sujeitos activos da construção do saber.

Para tentar reverter esse quadro, intensificámos o acompanhamento individual, dialogámos com os alunos sobre suas dificuldades e reforçamos o uso de metodologias interativas. Essa abordagem encontra respaldo na teoria de Libâneo (2006), que enfatiza a importância da relação professor-aluno na construção do conhecimento.

4.3. Apreciação Crítica

A experiência com o processo avaliativo durante o estágio revelou desafios e aprendizados importantes. A avaliação diagnóstica permitiu identificar as principais dificuldades dos alunos, enquanto a avaliação formativa possibilitou ajustes contínuos no ensino, promovendo avanços na leitura, escrita e argumentação.

Entretanto, a avaliação sumativa, especialmente os testes estruturados predominantemente com questões de múltipla escolha, mostrou-se limitada para medir o verdadeiro progresso dos alunos. Esse modelo não favorece o desenvolvimento de competências fundamentais, como a argumentação e a escrita reflexiva. Por isso, reforçamos a necessidade de equilibrar diferentes tipos de questões nas avaliações, garantindo uma análise mais abrangente das habilidades linguísticas dos estudantes.

Outro ponto crítico foi a falta de engajamento dos alunos no processo de aprendizagem, o que impactou negativamente seu desempenho. A desmotivação e a resistência a práticas mais ativas demonstram a necessidade de um ensino mais contextualizado e significativo, como propõe Haydt (2011).

Dessa forma, concluímos que a avaliação deve ser compreendida não apenas como um meio de atribuir notas, mas como uma ferramenta essencial para aprimorar a aprendizagem. Para que ela cumpra esse papel, é fundamental repensar os modelos avaliativos e garantir que sejam verdadeiramente capazes de estimular o desenvolvimento integral dos alunos.

APRENDIZAGENS CONTRUÍDAS NO CAMPO DE ESTÁGIO

O estágio supervisionado, ocorrido na Escola Secundária Noroeste-1, entre o segundo e terceiro trimestres lectivos do ano 2024, foi ocasião única ao longo da formação que foi concedida aos estudantes a oportunidade de interagir e dialogar com a escola de forma directa, assumindo a função docente. Durante esse período, fomos assistidos regularmente por outros profissionais experientes, com intuito de controlar as nossas práticas e ajudarem-nos a nos tornar profissionais de qualidade para o mercado de trabalho.

Os objectivos e modalidades da supervisão pedagógica variam em função do contexto específico, podendo ser na iniciação da prática profissional, ou seja, no estágio pedagógico, onde o objectivo central é de ajudar o estagiário a “aprender” a ser professor. Pode ser ao longo do percurso da carreira docente e os objectivos variam e são definidos pelo supervisor. Em todas as ocasiões, o supervisor é aquele profissional de reconhecido mérito e experiência na área que acompanha o trabalho e, notando irregularidades, aborda-as e propõe mecanismos de solução.

A nossa acção docente foi supervisionada pelo professor titular e pelo supervisor do estágio, oriundo da universidade; no caso, o Prof. Doutor Nelson Ernesto. O professor titular e outros do grupo da disciplina da escola foram importantes, fazendo orientações sobre como lidar com os alunos, com a gestão da sala de aulas e do processo de ensino-aprendizagem.

O Prof. Doutor Nelson Ernesto, acompanhou-nos no estágio de forma estruturada, incluindo na elaboração do Portefólio, desde o primeiro dia até ao desfecho. Isso reflecte a importância da “formação reflexiva” na teoria pedagógica, uma ideia defendida por Jean Piaget (1976), ao considerar a aprendizagem pela experiência um aspecto essencial na formação dos professores. Piaget (1976) sugere que o conhecimento constrói-se na prática, e o estágio supervisionado, com a orientação constante do supervisor universitário, facilita essa construção, permitindo que o estagiário aplique teorias de maneira contextualizada.

A prontidão dos supervisores e pontuais observações em aulas assistidas concorreram positivamente para o nosso desenvolvimento profissional (vide apêndice C.). As recomendações de consulta de livros para apropriação da teoria e o treinamento de certos aspectos sobre a postura docente durante a mediação das aulas são práticas que corroboram com as ideias de Paulo Freire (1987), que defende uma “formação crítica” do professor. A supervisão permitiu-nos ainda o desenvolvimento pessoal e profissional.

5.1. Experiências pessoais das aprendizagens construídas

Durante o estágio, acompanhámos o progresso dos alunos e, na interacção com eles, percebemos que, através da mediação, conseguimos ajudar-lhes a entenderem melhor os temas abordados. A troca de ideias e o momento de ajudá-los a desenvolverem suas habilidades, esclarecendo as dúvidas, constituiu a nossa maior força motivadora, pois sentimo-nos felizes por prestar adequadamente o nosso papel.

O estágio foi a oportunidade de podermos aplicar as teorias que aprendemos na faculdade sobre o processo de mediação das aulas e todo processo de ensino-aprendizagem na prática. Ver como as estratégias planificadas ajudavam os alunos a aprender foi uma experiência gratificante, e um momento de contínua aprendizagem como profissionais docentes. Também foi o momento de construirmos relacionamento com os alunos, entender suas necessidades e encontrar a melhor forma de motivá-los.

Aprendemos a importância de uma boa planificação para o sucesso das aulas, tornando-a flexível, bem como adaptar o conteúdo de acordo com as necessidades dos alunos. Saber lidar com diferentes situações em sala de aula, como o controlo de tempo e a gestão de actividades foi uma das aprendizagens construídas. Além disso, percebemos como a comunicação clara e a empatia são fundamentais para estabelecer uma boa relação com os alunos, o que ajuda no aprendizado deles.

Fomos aconselhados a estruturar bem os planos de aula, pois isso ajuda a conduzir as aulas de forma eficiente e a garantir que os alunos compreendam o conteúdo. Também aprendemos a adaptar o ritmo das aulas, pois nem todos têm a mesma velocidade de aprendizagem. Dar respostas constantes foi um dos aspectos novos que assimilámos, tendo verificado que ajuda os alunos a melhorar continuamente.

Durante o estágio fomos assistidos duas vezes e o supervisor aconselhou-nos a procurarmos ser mais claros e directos nas explicações para garantir que todos os alunos compreendam o conteúdo e recomendou-nos a melhorar cada vez mais a planificação da aula de forma organizada e estruturada e tornar claros os objectivos no plano de aula.

Durante o estágio, fomos responsáveis por elaborar provas escritas para os alunos da 12ª Classe. O principal desafio foi elaborar questões que fossem justas, equilibradas e que representassem bem o conteúdo que havia sido ensinado. Tivemos que garantir que as perguntas

fossem claras e suscitasse diferentes habilidades dos alunos, como a compreensão de textos, a capacidade de argumentação e a aplicação de conceitos aprendidos.

Uma das maiores dificuldades foi o tempo limitado para planificar e elaborar a prova de forma detalhada, o que nos exigiu uma boa gestão de tempo. A elaboração de provas no estágio foi uma experiência desafiadora e enriquecedora. Uma das dificuldades mais marcantes foi ajustarmos o nível de dificuldades das questões para que todos os alunos pudessem se sentir desafiados, mas ao mesmo tempo, sem se frustrar. Aprendemos a importância de diversificar as perguntas de múltiplas escolhas, integrando componentes de interpretação, análise crítica e aplicação do conhecimento.

Em suma, o período de estágio pode ser definido como uma continuação da formação docente fora do espaço físico da universidade e o começo de uma nova vida como profissional de ensino de Língua Portuguesa. Foi um momento de apresentar o tributo à comunidade, volvidos quatro anos de formação.

SECÇÃO III: CONCLUSÃO

A experiência do estágio pedagógico supervisionado na ESN-1 permitiu-nos aprofundarmos a compreensão sobre os desafios e potencialidades do ensino da Língua Portuguesa no contexto escolar, consolidando competências essenciais para a prática docente. Com a análise da escola constatámos que a precariedade de alguns espaços físicos compromete a qualidade do ensino, exigindo adaptações metodológicas para minimizar os impactos negativos sobre a aprendizagem dos alunos. Essa realidade reforça a necessidade de investimentos contínuos na melhoria das condições estruturais e na disponibilização de recursos didáticos adequados.

A análise da planificação das aulas destacou a sua importância para a organização eficaz do ensino. Durante o estágio, aprendemos que uma planificação bem estruturada é indispensável para garantir a clareza dos objetivos, a escolha de metodologias apropriadas e a adaptação das atividades às necessidades dos alunos. No entanto, também enfrentamos desafios, como a necessidade de ajustar continuamente os planos às realidades da turma, reafirmando o caráter dinâmico e flexível da prática docente.

A experiência da mediação da aprendizagem mostrou que metodologias interativas e contextualizadas, como a leitura em voz alta, a reescrita de textos e os debates argumentativos, são fundamentais para estimular o pensamento crítico e a autonomia dos estudantes. Apesar das dificuldades iniciais, a adoção dessas estratégias possibilitou avanços significativos na aprendizagem.

Foi igualmente possível compreender que a avaliação não deve ser apenas um mecanismo classificatório, mas sim um instrumento para orientar o ensino e promover melhorias no aprendizado dos alunos. No entanto, observámos que a predominância de testes de múltipla escolha pode limitar o desenvolvimento de habilidades essenciais, como a escrita e a argumentação, reforçando a necessidade de diversificação dos instrumentos avaliativos.

Em suma, este estágio pedagógico não apenas consolidou os conhecimentos adquiridos ao longo da formação, mas também nos desafiou a reflectir criticamente sobre o nosso papel como professores. A experiência reafirmou o compromisso com um ensino dinâmico, reflexivo e voltado para a transformação da realidade educacional. Mais do que um requisito curricular, esse percurso representou um passo essencial na construção da nossa identidade profissional, preparando-nos para contribuir de forma significativa para a qualidade da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, I. (2001). *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre (Brasil): Artmed.
- Durkheim, É. (1922). *Educação e Sociologia*. São Paulo: Edições Melhoramentos.
- Estrela, T., et al (2015). *A Avaliação como Promoção da Aprendizagem dos Alunos*. Atas do XXII Congresso da AFIRSE: Diversidade e Complexidade da Avaliação em Educação e Formação. Lisboa: Educa/Afirse, pp. 1282- 1290).
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Fullan, M. (1991). *The new meaning of education changes* (2nd ed.). Teachers College Press.
- Haydt, R, C. (2011). *Curso de didáctica geral*. São Paulo: Ática
- Libâneo, J, C. (2006). *Didáctica*. São Paulo: Cortez.
- Piaget, J. (1976). *A Psicologia e o Professor*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Pilleti., C. (2004). *Didáctica geral* (23^a ed.). São Paulo: Ática.
- Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in societ: The development of higher psychological processes* (M. Cole, V. John – Steiner, S. Scribner,& E. Souberman, Eds.). Harvard University Press. (Original Work published in Russian in 1934).

APÊNDICES

Apêndice A – Apresentação da Infraestrutura escolar da ESN-1.



Ilustração 1 Pavilhão desportivo:



Ilustração 2: Vista frontal da escola



Ilustração 3: Interior da Biblioteca da escola.



Ilustração 4: Estado de degradação do tecto do corredor e da sala de aula da escola.

Apêndice B – Plano de aula**Escola Secundária Noroeste 2****Plano de aula n. 12****Disciplina:** Português**Professor:** Allen Abner Monjane**Unidade temática:** Textos Literários**Tema transversal:** Combate à estigmatização de vítimas do HIV/SIDA**Objectivos:** até o fim da aula o aluno deve ser capaz de:

- Produzir textos dramáticos sobre o combate e estigmatização de vítimas de HIV/SIDA;
- Ter empatia para com as vítimas de HIV/SIDA;
- Dramatizar textos.

Meios de ensino: Material básico de ensino.**Métodos:** Elaboração conjunta e Trabalho em grupo**Tipo de aula:** Continuação**Duração:** 90 minutos**Data:** 03/10/2024

12ª Classe: Turma: ____

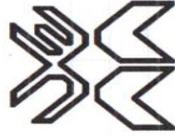
Tempo	Funções didácticas	Conteúdo	Actividades		Métodos
			Professor	Aluno	
15 min	Introdução e Motivação	HIV e SIDA (introdução)	Breves momentos de organização (saudação e marcação de presenças); Orienta a revisão da aula anterior; Orienta um breve diálogo sobre o HIV e SIDA, explorando a sua definição, os meios	Saúda o professor e responde à chamada; Realiza a revisão da aula anterior; Apresenta o seu conhecimento sobre o HIV/SIDA;	Elaboração conjunta

			de contágio, o tratamento e as formas de prevenção; Apresenta o tema e os objectivos da aula.	Regista o tema proposto no caderno e comenta os objectivos.	
25 min	Mediação e Assimilação	Estigmatização a seropositivos	Orienta a revisão do conceito de Estigmatização; Explora, com os alunos, as formas nas quais se manifesta o estigma a pessoas infectadas pelo vírus nos diversos sectores da comunidade; Esclarece possíveis dúvidas.	Apresenta o seu pensamento sobre o conceito de estigmatização; Apresenta casos reais de estigmatização de pessoas infectadas e afectadas pelo HIV/SIDA; Apresenta possíveis dúvidas.	Elaboração conjunta
30 min	Domínio e Consolidação	Estigmatização à vítimas de HIV/SIDA (produção textual)	Organiza a turma em pequenos grupos de 4 a 5 membros; Orienta a produção de um texto dramático sobre o tema: Combate à estigmatização de vítimas de HIV/SIDA , em que as acções se desenrolem no meio rural e o principal objectivo do texto seja transmitir mensagens de não discriminação de pessoas afectadas ou infectadas pelo HIV/SIDA.	Junta-se em grupos de 4 a 5 elementos cada; Colabora com os membros do seu grupo na produção do texto dramático, tendo em atenção os seguintes elementos: <ul style="list-style-type: none"> • A estrutura do texto (texto principal e secundário); • Apresentação das personagens; • Divisão das cenas; • Organização/sequenciação dos eventos de forma lógica. 	Trabalho em grupo

20 min	Controlo e Avaliação	Combate à estigmatização de vítimas do HIV/SIDA	Orienta a apresentação dos textos e a selecção do melhor texto que, a posterior, será encenado (em uma aula por anunciar); Esclarece possíveis dúvidas.	Apresenta em plenária o texto produzido; Regista o TPC no caderno Apresenta possíveis dúvidas.	Elabora- ção con- junta
-----------	----------------------------	--	--	--	-------------------------------

Referência Bibliográfica

Fernão, I. A., & Manjate, N. J. (2010). *Pré-Universitário - Português 12*. Maputo: Longman Moçambique.



Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Línguas
Curso de Licenciatura em Ensino de Português

Ficha de observação de aulas

Escola: Secundária Avante 1 Data: 02/10/2024
Unidade Temática: Texto Literário
Tema: Combate a estigmatização de vírus do HIV/SIDA
Nome do estagiário: Alan André Henrique
Prof. Observador: Albino Augusto Exumto

Funções Didáticas	Med	Suf	Bom	MBom
Motivação	0-2	3-4	5-6	7-8
Mediação e assimilação			5	
Domínio e consolidação			5	
Controlo e avaliação			5	
Instrução				
Enunciação dos objectivos da aula			5	
Recurso aos conhecimentos prévios dos educandos			5	
Promoção da atenção dos educandos			5	
Incentivo da participação dos educandos			5	
Explicação no ritmo adequado ao educando			5	
Identificação dos indícios de dúvidas			5	
Acompanhamento individual/ grupo dos educandos quando fazem as actividades			5	
Adequação das estratégias aos educandos			5	
Retorno (feedback) das actividades dos educandos			5	
Domínio científico do conteúdo ministrado			5	
Correcção da expressão oral e escrita dos educandos			5	
Gestão da aula				
Pontualidade do professor				7
Preparação prévia da sala de aula				7
Gestão do espaço (circulação pela sala de aula)			5	
Dinamismo do professor			5	
Cumprimento do tempo previsto para aula			5	
Utilização dos métodos adequados			5	

Controle visual dos educandos			
Entusiasmo da aula			
Gestão de situações imprevistas			
Criatividade do professor			
Avaliação Global			

S,6

Observações:

O Plano de Aula apresenta propostas do nível de Eximercos (La Objectivos de Aprendizagem, Atitudes como dos momentos das fases do processo de ensino-aprendizagem. Por último, trata-se de apresentar as Competências esperadas com a aula. O plano não foi anexado o texto analisado, muito menos os exercícios feitos na sala de aula.

O observador: Nelson Mauro Eusto

O observado:

Apêndice D – Matriz da avaliação

ESCOLA SECUNDÁRIA DO NOROESTE 1

Matriz da 1ª Avaliação Sumativa de Português

Unidade Temática: Textos Multiusos

Duração: 90 minutos

III

Trimestre/2024

Nº	Objectivos	Nível de aprendizagem	Conteúdo	Pergunta	Resposta	Cotação
1.	Ler um artigo de opinião; Interpretar o artigo de opinião; Identificar a tese do autor do artigo de opinião.	Compreensão	Leitura e interpretação de um artigo de opinião.	De acordo com o autor, a partir da observação dos animais podemos...	A - Compreender muitas coisas a nosso respeito.	0,6
2.				Recentemente, descobriu-se que constituem aspectos comuns da vida dos seres vertebrados ...	C. Inclinação para formar sociedades, a ambição pela propriedade e posição social, o amor ao lar e a saudade.	0,6
3.				A descoberta de similaridades na vida dos vertebrados e consequente mudança de paradigma foi motivada	A - Pelo livro “African Genesis” de Robert Andrey.	0,6

4.				Assim como o Homem, alguns animais fazem a demarcação dos seus territórios recorrendo a...	D. Sons e odores.	0,6
5.				“Estas descobertas <u>subvertem</u> tantas noções firmemente estabelecidas” a expressão sublinhada pode ser substituída por ...	C. modificam	0,6
6.				O autor procura defender a opinião de que ...	D. O Homem partilha muito em comum com os animais e que podemos compreender certas condutas humanas a partir da observação do comportamento animal.	0,6
7.	Identificar a tipologia textual	Conhecimento	Tipologia textual	O texto da sua prova pertence a tipologia dos textos:	C. Jornalístico	0,6
8.	Identificar os géneros de tipo jornalístico			São textos jornalísticos excepto:	A. Acta	0,6

9.	Mencionar o objectivo do artigo de opinião		Artigo de opinião	O texto da sua prova é um artigo de opinião e tem como objectivo:	A. Apresentar e defender um ponto de vista sobre um assunto relevante para a sociedade bons resultados	0,6
10.	Enumerar as orações presentes na frase		Frase complexa	“As aves balizam os limites da sua propriedade cantando, mas a maioria dos mamíferos, que vivem num mundo que é mais de odores do que de sons, fazem-no “demarcando”(…).” Quantas orações estão patentes no excerto acima?	D. Cinco	0,6
11.	Classificar as orações	Análise	Frases complexas: coordenação	Como se classifica a oração destacada em 10.?	C. Coordenada adversativa	0,6
12.	Identificar a função de linguagem predominante no texto	Conhecimento	Função de linguagem	Que função da linguagem predomina no texto da sua prova?	D. Enfática	0,6
13.	Classificar o verbo	Conhecimento	Tipologia verbal	Qual das alternativas contém apenas verbos de separação?		0,6

14.		Análise		“Os machos das espécies migratórias voam para o norte.” Como classifica-se a forma verbal patente na frase?	A. De movimento	0,6
15.	Indicar a preposição que faz a regência do verbo da frase	Conhecimento	Regência verbal	Indique a preposição que estabelece a regência entre o verbo e o complemento na frase 14.	B. para	0,6
16.	Identificar o sujeito da frase	Análise	Análise sintática	“(…) os machos <u>cujos direitos de posse estiveram bem assegurados</u> não terão muita dificuldade em conquistar uma companheira exigente” o sujeito da frase é...	D. Os machos cujos direitos de posse estiveram bem assegurados	0,6
17.	Classificar as orações	Análise	Subordinação relativa	A oração sublinhada em 16. é subordinada...	D. Relativa restritiva	0,6
18.	Empregar correctamente uma locução temporal.	Análise	Locuções subordinativas	Em qual das frases a expressão destacada está bem escrita?	D. Este grupo existe <u>há cerca de</u> três anos.	0,6
19.	Indicar a grafia correcta da palavra	Conhecimento	Ortografia	Na frase “Ele é proprietário de uma _____ turística.” A palavra que se enquadra na lacuna é:	D. instância	0,6

20.	Classificar as orações	Análise	Frases complexas: subordinação	<p>Relacione as colunas de acordo com a classificação das orações subordinadas:</p> <table border="1"> <tr> <td>A - () Se queres ser atriz, ensaie bastante.</td> <td>I. Oração subordinada adverbial condicional.</td> </tr> <tr> <td>B - () Embora estudasse pouco, foi aprovado.</td> <td>II. Oração subordinada adverbial comparativa.</td> </tr> <tr> <td>C - () Ficou desiludido, porque foi abandonado.</td> <td>III. Oração subordinada adverbial concessiva.</td> </tr> <tr> <td>D - () Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.</td> <td>IV. Oração subordinada adverbial causal</td> </tr> </table>	A - () Se queres ser atriz, ensaie bastante.	I. Oração subordinada adverbial condicional.	B - () Embora estudasse pouco, foi aprovado.	II. Oração subordinada adverbial comparativa.	C - () Ficou desiludido, porque foi abandonado.	III. Oração subordinada adverbial concessiva.	D - () Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.	IV. Oração subordinada adverbial causal	<p>A- I B- III C- IV D- II</p>	2,4
A - () Se queres ser atriz, ensaie bastante.	I. Oração subordinada adverbial condicional.													
B - () Embora estudasse pouco, foi aprovado.	II. Oração subordinada adverbial comparativa.													
C - () Ficou desiludido, porque foi abandonado.	III. Oração subordinada adverbial concessiva.													
D - () Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.	IV. Oração subordinada adverbial causal													
21.	Estabelecer a grafia correcta da palavra	Conhecimento	Ortografia	Qual das opções pode ser correctamente preenchida por “X”?	A. En__ugar	0,6								
22.	Estabelecer a correspondência entre o autor e a obra	Conhecimento	Literatura	O hino “Pátria Amada” é da autoria de...	C. Armando Guebuza	0,6								
23.	Classificar o texto quanto ao tipo	Compreensão	Tipologia textual	O texto citado em 22. Pertence ao género...	C. Lírico	0,6								
24.	Caracterizar o texto quanto à mancha gráfica	Análise	Estrutura textual	Quanto à mancha gráfica, o texto está organizado em...	A. Parágrafos e períodos	0,6								

25.	Analisar a frase quanto a sua gramaticalidade.		Concordância nominal e verbal	Identifique a frase gramaticalmente correcta.	D. Esta senhora é amiga.	0,6
26.	Estabelecer a correspondência entre o autor e a obra	Conhecimento	Literatura	Quem é o autor da obra “Cela I”?	A. José Craveirinha	0,6
27.				As obras “Terra Sonâmbula, nós matamos o cão tinto e Orgia dos loucos” são da autoria de:	D. Mia Couto, Luís Bernardo Honwana e Ungulani Ba Ka Khossa.	0,6
Total de notas					20.0	

Apêndice E – Enunciado do teste


 Classif. _____ valores
 Assinatura do Prof. _____

ESCOLA SECUNDÁRIA NOROESTE - 01

1º Teste escrito de Língua Portuguesa

12ª Classe

III Trimestre/2024

90 Minutos

Nome do(a) aluno (a): _____ Nº _____ Turma _____

GRELHA DE RESPOSTAS

P	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.	15.
R															
P	16.	17.	18.	19.	A.	B.	C.	D.	21.	22.	23.	24.	25.	26.	27.
R															

TEXTO

Nós, seres humanos, e os animais com os quais compartilhamos a vida sobre a terra, temos muitas coisas em comum. Podemos compreender muito acerca das nossas origens e instintos e até sobre as nossas instituições sociais, observando os nossos irmãos, os animais.

Sabe-se agora que são atributos fundamentais da vida de praticamente todos os vertebrados algumas das características que sempre foram julgadas especificamente humanas, tais como, a tendência para formar sociedades, o desejo de propriedade e posição social, o amor ao lar e a saudade.

Estas descobertas subvertem tantas noções firmemente estabelecidas, que chegam a constituir o que Robert Andrey chama, no seu livro “African Genesis”, “uma revolução nas ciências naturais.”

Um primeiro passo para esta mudança de ponto de vista, foi o livro do ornitologista Eliot Howard. Até o tempo dele era aceite a suposição de Charles Darwin de que, entre as aves, os machos lutam pelas fêmeas. O verdadeiro objecto das suas contendas, observou Howard, é a posse de “terras”. Os machos das espécies migratórias voam para o norte na dianteira das fêmeas, e cada um demarca uma área de terreno que lhe pertencerá. Marcam os limites por meio do canto e defendem as divisas com ardor combativo. As fêmeas chegam e os machos cujos direitos de posse estiveram bem assegurados não terão muita dificuldade em conquistar uma companheira exigente. A luta por ela é coisa de só menos importância.

As aves balizam os limites da sua propriedade cantando, mas a maioria dos mamíferos, que vivem num mundo que é mais de odores do que de sons, fazem-no “demarcando”, o que significa depositar um cheiro característico nas fronteiras do seu domínio. Os leões e os tigres

realizam essa função com a urina. Outros animais possuem uma glândula especial destinada unicamente a esse fim.

Entre alguns veados e antílopes uma glândula situada acima do olho segrega uma substância oleosa de forte odor, a qual friccionada em vergôntes, ramos e galhos, impregna toda a morada como aviso de propriedade.

Os animais selvagens cativos demarcam a jaula ou área onde se acham confinados. Depois disso consideram-na como sua morada, e às vezes são capazes de preocupar-se mais em manter o homem fora dela do que com a própria liberdade. Um exemplo disso, foi observado no jardim zoológico de Zurique, na Suíça.

Na floresta encontram-se muitos lares mantidos com esmero. Não têm telhado nem paredes, mas são divididos como os nossos compartimentos separados: sala de jantar, dormitório, quarto para crianças...

As pessoas que possuem forte senso de propriedade são em geral um tanto ociosas no que diz respeito à posição social, e isso aplica-se à maioria dos mamíferos e até mesmo a certas espécies de peixe. Assim como as galinhas, no galinheiro estabelecem uma hierarquia. Uns peixinhos vermelhos chamados cientificamente “xyphophorusheleri” fazem o mesmo. Dentro de um tanque, cada um descobre quais dentre os outros pode dominar e a que deve submeter-se. Uma posição social elevada assegura-lhe muitas prerrogativas, como o acesso aos alimentos, às fêmeas e a um canto sossegado do tanque. Ele defende o seu canto com grande belicosidade. Um exemplo descrito por Robert Andrey demonstram quanto é profundo esse instinto. «Imaginamos uma alcateia de lobos como umas das coisas mais bravias e indisciplinadas do mundo, mas os lobos têm um cerimonial social e um sistema de castas que fazem os nossos parecerem coisas de amadores», afirmou.

In *Jornal Domingo*, 19/02/89 (Adaptado)

1. De acordo com o autor, a partir da observação dos animais podemos...

- B - Compreender muitas coisas a nosso respeito.
- C - Compreender o funcionamento do reino selvagem.
- D - Identificar as diferentes formas com que os animais demarcam territórios.
- E - Todas as alternativas estão correctas.

2. Recentemente, descobriu-se que constituem aspectos comuns da vida dos seres vertebrados ...

- A - Batalhar pela fêmea e pelo prestígio social.
- B - Ascender a uma posição social privilegiada que assegure prerrogativas.
- C - Inclinação para formar sociedades, a ambição pela propriedade e posição social, o amor ao lar e a saudade.
- D - A necessidade de ser forte para reinar perante os outros.

3. A descoberta de similaridades na vida dos vertebrados e consequente mudança de paradigma foi motivada

B - Pelo livro “African Genesis” de Robert Andrey.

C - Pelo livro do ornitologista Eliot Howard.

D - Pelas suposições de Charles Darwin

E - Nenhuma alternativa está certa.

4. Assim como o Homem, alguns animais fazem a demarcação dos seus territórios recorrendo a

A - Ervas daninhas secas.

B - Sons

C - Excremento

D - Sons e odores.

5. “Estas descobertas subvertem tantas noções firmemente estabelecidas” a expressão sublinhada pode ser substituída por ...

A - alteram

B – elevam

C – modificam

D – trans-

põem

6. O autor procura defender a opinião de que ...

A - O Homem e os animais vertebrados são semelhantes e por isso comportam-se de forma igual.

B - O Homem pode aprender muito sobre a natureza apenas observando os animais ao seu redor.

C - O Homem precisa preservar a fauna bravia.

D - O Homem partilha muito em comum com os animais e que podemos compreender certas condutas humanas a partir da observação do comportamento animal.

7. O texto da sua prova pertence a tipologia dos textos:

A - Administrativo

B – Multiuso

C - Jornalístico

D – Normativo

8. São textos jornalísticos excepto:

A - Acta

B – Editorial

C – Crónica

D –

Reportagem

9. O texto da sua prova é um artigo de opinião e tem como objectivo:

A - Apresentar e defender um ponto de vista sobre um assunto relevante para a sociedade

B - Expor e defender um assunto não relevante para a sociedade

C - Expor um assunto

D - Destacar e explicar fenómenos pouco conhecidos.

10. “As aves balizam os limites da sua propriedade cantando, mas a maioria dos mamíferos, que vivem num mundo que é mais de odores do que de sons, fazem-no “demarcando”(…).” **Quantas orações estão patentes no excerto acima?**

A - Duas B – Três C – Quatro D - Cinco

11. Como se classifica a oração destacada em 10.?

A - Subordinada concessiva

B - Coordenada disjuntiva

C - Coordenada adversativa

D - Subordinada integrante

12. Que função da linguagem predomina no texto da sua prova?

A - Apelativa

B. Poética

C. Metalinguística

D. Enfática

13. Qual das alternativas contém apenas verbos de separação?

A - Haver, chover, relampejar B - partir, repartir, existir C - Caminhar, chegar, passar

D - apartar-se, isolar-se, afastar-se

14. “Os machos das espécies migratórias voam para o norte.” **Como classifica-se a forma verbal patente na frase?**

A - De movimento.

B - De separação.

C - Impessoal.

D - Transitivo.

15. Indique a preposição que estabelece a regência entre o verbo e o complemento na frase 14.

A - de

B – para

C – o

D - das

16. “(…) os machos cujos direitos de posse estiveram bem assegurados não terão muita dificuldade em conquistar uma companheira exigente” **o sujeito da frase é...**

A - Os machos

B - Os machos cujos direitos de posse

C - Uma companheira exigente

D - Os machos cujos direitos de posse estiveram bem assegurados

17. A oração sublinhada em 16. é subordinada...

A - Relativa livre

C – Integrante

B - Relativa explicativa

D – Relativa restritiva

18. Em qual das frases a expressão destacada está bem escrita?

A - Este grupo existe à cerca de três anos.

C – Este grupo existe acerca de três anos.

B - Este grupo existe a cerca de três anos. D – Este grupo existe há cerca de três anos.

19. Na frase “Ele é proprietário de uma _____ turística.” A palavra que se enquadra na lacuna...

A - Estância B - estancia C - instancia D - instância

20. Relacione as colunas de acordo com a classificação das orações subordinadas:

E - () Se queres ser actriz, ensaie bastante.	I. Oração subordinada adverbial condicional.
F - () Embora estudasse pouco, foi aprovado.	II. Oração subordinada adverbial comparativa.
G - () Ficou desiludido, porque foi abandonado.	III. Oração subordinada adverbial concessiva.
H - () Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.	IV. Oração subordinada adverbial causal

21. Qual das opções pode ser correctamente preenchida por “X”?

A - En__ugar B – Ma__ucar C – Fle__a D – Re__eio

22. O hino “Pátria Amada” é da autoria de...

A - Marcelino dos Santos B – Mia Couto C – Armando Guebuza D – Eduardo White

23. O texto citado em 22. Pertence ao género...

A - Expositivo-explicativo B. Narrativo C. Lírico D. Cantiga

24. Quanto à mancha gráfica, o texto está organizado em...

A - Parágrafos e períodos B. colunas C. versos e estrofes D.
Artigos e números

25. Identifique a frase gramaticalmente correcta.

A - Eu tinha de ir participar um curso. C - Nem ler e escrever não sabem.
B - Despediu os pais à saída. D - Esta senhora é amiga.

26. Quem é o autor da obra “Cela I”?

A - José Craveirinha B. Paulina Chiziane C. Lília Momplé D.
Ungulani Ba Khosa

27. As obras “Terra Sonâmbula, nós matamos o cão tinoso e Orgia dos loucos” são da autoria de:

A - Mia Couto, Paulina Chiziane e Pepetela.
B - Luís Bernardo Honwana, Pepetela, Mia Couto.
C - Ungulani Ba Ka Khossa, Pepetela e Mia Couto.
D - Mia Couto, Luís Bernardo Honwana e Ungulani Ba Ka Khossa.

Apêndice F – Guião de resposta.

Guia de Correção da 1ª Avaliação do IIIº Trimestre da 12ª Classe/2024 Turma C.2.1 90
Minutos disciplina de português.

Ordem	Resposta	Cotação
1	A	0,5
2	C	0,5
3	A	0,5
4	D	0,5
5	A	0,5
6	D	0,5
7	C	0,5
8	A	0,5
9	A	0,5
10	C	0,5
11	C	0,5
12	A	0,5
13	D	0,5
14	A	0,5
15	B	0,5
16	D	0,5
17	D	0,5
18	D	0,5
19	B	0,5
20	A	0,5
21	B	0,5
22	C	0,5
23	C	0,5
24	A	0,5
25	C	0,5
26	C	0,5
27	D	0,5
Total		20

Apêndice G – Exemplar de prova corrigida



ESCOLA SECUNDÁRIA NOROESTE - 01
1º Teste escrito de Língua Portuguesa

12ª Classe III Trimestre/2024 90 Minutos

Nome do(a) aluno (a): Mateus Bernardo Machaie Nº 17 Turma C

Classif. 5,0 valores

Assinatura do Prof.

Alta Mourão

GRELHA DE RESPOSTAS

P	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.	15.
R	A	B	X	B	X	B	B	X	X	X	X	X	B	X	X
P	16.	17.	18.	19.	A.	B.	C.	D.	21.	22.	23.	24.	25.	26.	27.
R	B	B	A	X	III	I	IV	III	A	X	B	A	X	B	C

TEXTO

Nós, seres humanos, e os animais com os quais compartilhamos a vida sobre a terra, temos muitas coisas em comum. Podemos compreender muito acerca das nossas origens e instintos e até sobre as nossas instituições sociais, observando os nossos irmãos, os animais.

Sabe-se agora que são atributos fundamentais da vida de praticamente todos os vertebrados algumas das características que sempre foram julgadas especificamente humanas, tais como, a tendência para formar sociedades, o desejo de propriedade e posição social, o amor ao lar e a saudade.

Estas descobertas subvertem tantas noções firmemente estabelecidas, que chegam a constituir o que Robert Andrey chama, no seu livro "African Genesis", "uma revolução nas ciências naturais."

Um primeiro passo para esta mudança de ponto de vista, foi o livro do ornitologista Eliot Howard. Até o tempo dele era aceite a suposição de Charles Darwin de que, entre as aves, os machos lutam pelas fêmeas. O verdadeiro objecto das suas contendas, observou Howard, é a posse de "terras". Os machos das espécies migratórias voam para o norte na dianteira das fêmeas, e cada um demarca uma área de terreno que lhe pertencerá. Marcam os limites por meio do canto e defendem as divisas com ardor combativo. As fêmeas chegam e os machos cujos direitos de posse estiveram bem assegurados não terão muita dificuldade em conquistar uma companheira exigente. A luta por ela é coisa de só menos importância.

As aves balizam os limites da sua propriedade cantando, mas a maioria dos mamíferos, que vivem num mundo que é mais de odores do que de sons, fazem-no "demarcando", o que significa depositar um cheiro característico nas fronteiras do seu domínio. Os leões e os tigres realizam essa função com a urina. Outros animais possuem uma glândula especial destinada unicamente a esse fim.

Entre alguns veados e antílopes uma glândula situada acima do olho segrega uma substância oleosa de forte odor, a qual friccionada em vergõteas, ramos e galhos, impregna toda a morada como aviso de propriedade.

Os animais selvagens cativos demarcam a jaula ou área onde se acham confinados. Depois disso consideram-na como sua morada, e às vezes são capazes de preocupar-se mais em manter o homem fora dela do que com a própria liberdade. Um exemplo disso, foi observado no jardim zoológico de Zurique, na Suíça.

Na floresta encontram-se muitos lares mantidos com esmero. Não têm telhado nem paredes, mas são divididos como os nossos compartimentos separados: sala de jantar, dormitório, quarto para crianças...

As pessoas que possuem forte senso de propriedade são em geral um tanto ociosas no que diz respeito à posição social, e isso aplica-se à maioria dos mamíferos e até mesmo a certas espécies de peixe. Assim como as galinhas, no galinheiro estabelecem uma hierarquia. Uns peixinhos vermelhos chamados cientificamente "xyphophorushelei" fazem o mesmo. Dentro de um tanque, cada um descobre quais dentre os outros pode dominar e a que deve submeter-se. Uma posição social elevada assegura-lhe muitas prerrogativas, como o acesso aos alimentos, às fêmeas e a um canto sossegado do tanque. Ele defende o seu canto com grande belicoidade. Uma experiência descrita por Robert Andrey demonstram quanto é profundo esse instinto.

ANEXOS

Anexo a – Apresentação da Credencial.



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS
Secção de Português

O Director Nacional Adjunto para Área de Graduação

[Handwritten signature]
 Prof. Doutor Marlino Mubai
 (Professor Auxiliar)

Exmo. Senhor Director da
 ESCOLA SECUNDÁRIA NOROESTE 1
 Maputo

Credencial

Certifica-se que **Allen Abner Monjane** é estudante da Faculdade de Letras e Ciências Sociais e frequenta a disciplina de Estágio II, no 4º ano do curso de Licenciatura em Ensino de Português. O mesmo deverá apresentar-se à instituição que V.Excia. dirige para a realização do estágio na disciplina de Português.

Com os melhores cumprimentos

Maputo, 27 de Maio de 2024

A Directora de Curso

[Handwritten signature]

Prof.^a Doutora Názia Bavo
 (Professora Auxiliar)



Anexo b – Relatório do Estágio Supervisionado.

República de Moçambique
 Cidade de Maputo
 Conselho dos Serviços de Representação do Estado
 Serviço de Assuntos Sociais
 Distrito Municipal KaMaxakeni
 Escola Secundária Noroeste 1

Relatório de Estágio Supervisionado

A direcção da escola supracitada informa que o (a) Allen Abner Monjane, realizou o Estágio Pedagógico, entre os dias 20 / 10 / 2024 e 15 / 11 / 2024, tendo concluído o processo com a classificação que se segue:

	Itens ponderados	Valores
1	Pontualidade	17
2	Assiduidade	18
3	Planificação conjunta e individual	17
4	Apresentação pessoal e postura	17
5	Aspecto científico ou domínios dos conteúdos	18
6	Gestão da turma	18
7	Instrução e mediação de aulas	17
8	Correcção da expressão oral e escrita dos educandos	18
9	Classificação final (Média)	17,5
Observação	O estagiário mostrou um adestre e profissional de grande nível, pelo que futuramente terá um profissional brilhante	

Maputo, aos 21 de Novembro de 2024

O (a) professor (a) titular

Singano A. Francisco

O (a) Director (a) Adjunto da Escola

[Assinatura]

